



Mayara: "Classe média ajuda a piorar a situação do Lago"

Poluição começa nos rios afluentes

Na Bacia do Lago Paranoá, de acordo com levantamento feito por especialistas, há pelo menos 42 parcelamentos irregulares. O que significa que afluentes do Lago vêm recebendo materiais sólidos de loteamentos que não têm captação de águas pluviais – que variam de acúmulo de terra, lixo até esgoto e dejetos.

Há, ainda, os problemas causados pelos poços artesianos e fossas construídos ao redor do Lago. É que dependendo do local onde estão, podem provocar a contaminação dos lençóis freáticos.

"Quando a gente fala de La-

go Paranoá, há vários problemas, um deles é o surgimento dos condomínios irregulares", diz a conselheira do Fórum das Organizações Não-Governamentais Ambientalistas, Mara Moscoso. Segundo ela, os rios e córregos que formam o Lago Paranoá sofrem com a poluição, o desmatamento, e os esgotos clandestinos.

O Lago Paranoá se formou a partir do represamento das águas dos rios Paranoá, Acampamento, Bananal, Torto, Cabeça de Veados, Gama, Vicente Pires e Riacho Fundo.

O Torto, o Vicente Pires, o Gama e o Riacho Fundo – to-

dos próximos a áreas de parcelamentos irregulares – têm sérios problemas de assoreamento, poluição e desmatamento. E grande parte dos loteamentos foram construídos por moradores de classe média.

"O Lago é o espaço de lazer de todos os brasilienses, mas é a classe média que ajuda a piorar a situação do Paranoá", afirma Mayara Molina, 15 anos, estudante e moradora do Lago Sul. Ela e os pais costumam passear nos fins de semana na lancha da família.

Outro problema são os esgotos clandestinos. Em 2002, a

Caesb interceptou mais de 1.500 redes clandestinas de esgoto. O mais preocupante é que quanto mais a ocupação (principalmente a irregular) cresce na Bacia do Paranoá, mais esgotos clandestinos podem aparecer.

"As empresas privadas não ligam e acho que a conscientização ambiental não resolve. A decisão tem de ser radical, tem de haver uma iniciativa efetiva do governo no combate à degradação ao Lago", afirma o bancário Reginaldo Barbosa, 35 anos, freqüentador assíduo do Paranoá.

Na página 4, APAs não conseguem deter depredação